

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

22 de Novembro de 2024

CHRIS MARKER – A MEMÓRIA DAS IMAGENS (parte 1)

UN JOUR DE TOURNAGE / 1969

Imagem (16 mm, preto & branco): Robert Dupouey / *Montagem e som:* não identificados no genérico / *Com as presenças de:* Yves Montand, Costa Gavras, Raoul Coutard.

Produção: Robert Chazal e Frédéric Rossif para a ORTF (Office de la Radio et la Télévision Française) / *Cópia:* digital (transcrita do original em 16 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 11 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

ON VOUS PARLE DE PRAGUE: LE DEUXIÈME PROCÈS D'ARTUR LONDON / 1971

Argumento e montagem: Chris Marker / *Imagem (16 mm, preto & branco):* Robert Dupouey / *Som:* não identificado no genérico / *Com as presenças de:* Yves Montand, Arthur London, Jorge Semprun, Costa Gavras, Simone Signoret.

Produção: Saga; SLOAN (Société pour le Lancement des Oeuvres Nouvelles) / *Cópia:* digital (transcrita do original em 16 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 31 minutos / *Estreia mundial:* Paris, em data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Filmes de Chris Marker

Un Jour de Tournage e **On vous parle de Prague:Le deuxième procès D'Artur London** são mostrados com **La Solitude du Chanteur de Fond**, sobre o qual é distribuído uma “folha” em separado

O filme que abre esta sessão, tangencialmente organizada à volta de Yves Montand, mas cuja primeira parte é na verdade organizada a partir dos sinistramente célebres “processos de Praga” de 1952, começa por surpreender o espectador, tratando-se de um filme de Chris Marker. Estamos no *plateau* de rotação da terceira longa-metragem de Costa Gavras e em 1970 o realizador greco-francês e Chris Marker eram *very strange bedfellows*, que tudo parecia separar, da concepção básica do que é um filme à relação com a política, ou melhor, com o *político*, como se dizia imodestamente naqueles tempos. Guy Hennebelle, crítico convictamente neo-estalinista, cunhou a pejorativa expressão “*série Z*” para designar filmes convencionais que abordavam temas políticos, de que o **Z** (1969) de Costa Gavras, sobre a ditadura dos coronéis gregos então no poder, seria o exemplo maior. Não menos estranhamente para Marker, trata-se de uma simples reportagem (não há outro termo possível) feita para a televisão, que na França de 1970 era um organismo cem por cento público, emanação do “Estado burguês”, considerado o inimigo número um por todo cidadão da ala esquerda da esquerda que se prezasse. Mas **Un Jour de Tournage** só faz verdadeiramente sentido (isto é, deixa de ser uma simples reportagem) quando é acoplado a **Le Deuxième Procès d'Artur London**, ainda que Marker não tenha premeditado fazer um díptico sobre os processos de Praga. Estes, diz-nos a narração, foram “*os últimos grandes processos estalinistas*” e tiveram lugar cerca de seis meses antes da morte de Estaline e o seu alvo principal foi Rudolf Slánsky, um dos organizadores da instauração do comunismo na Checoslováquia, acusado de todas as traições possíveis, que reconheceu em tribunal sem que isto o poupasse do pelotão de fuzilamento, exatamente como as vítimas dos processos de Moscovo nos anos 30. Em **Un Jour de Tournage** vemos parte da fabricação de um filme de ficção sobre estes processos; em **On Vous Parle de Prague**, sem abandonarmos Costa Gavras, Yves Montand e **L'Aveu**, Marker aborda diretamente os processos de Praga, inclusive com algum material de arquivo e um testemunho de

Artur London, condenado à prisão perpétua naqueles processos, libertado em 1955 e co-autor com a sua mulher de *A Confissão* (1968), um testemunho do que ele vivera em Praga. Em suma, Marker abordou o mesmo tema a partir de ângulos e modos diferentes e por este motivo estes dois filmes deveriam ser sempre programados juntos, como é o caso aqui.

Qual foi a razão do “segundo processo de Artur London”, que dá título a este capítulo da série **On Vous Parle de?** Ter escrito *A Confissão* (publicado no ano da invasão da Checoslováquia do *socialismo com um rosto humano*, que não poucos militantes aprovaram, assim como todos os partidos comunistas europeus, à exceção do italiano), ter tornado público aquilo que na opinião de muitos militantes deveria ter sido mantido em segredo. Nesta ótica, o seu livro, em que narra com alguma minúcia o processo de destruição psicológica dos réus daquele derradeiro grande processo estalinista, traria “*água para o moinho do inimigo*”. Doze anos antes da publicação do livro de London, quando o movimento comunista conheceu a mais séria de todas as suas crises (milhares de militantes pelo mundo fora devolveram o seu cartão ao respectivo Partido), decorrente do facto de Nikita Khrushchev ter revelado várias terríveis *verdades*, a primeira reação da chefia do Partido Comunista francês foi a de ocultar o seu relatório (testemunho dos filhos de Maurice Thorez), partindo precisamente do princípio segundo o qual certas verdades não podem vir a público, devem ser recalçadas inclusive nas mentes dos militantes. Esta atitude suscitou dramas de consciência em muitos destes últimos e numa entrevista feita no *plateau* de rodagem de **L’Aveu**, Yves Montand, vedeta da canção, do cinema e da militância política - emaciado, com doze quilos a menos para ser credível no papel - observa que esta vontade de ocultar a verdade decorre de uma “*visão religiosa*” e não racional do movimento comunista, acrescentando que é preciso dizer a verdade porque esta, para citar Gramsci, “*é sempre revolucionária*”. Jorge Semprún, que adaptou o livro de Artur London para o cinema e foi seu contemporâneo no campo de concentração de Mauthausen, cita a mesma frase e desmente algumas das acusações mais infames feitas a London, destinadas a provar que ele não era “*um verdadeiro comunista*”, embora sem dizerem em que consistia esta autenticidade. A “normalização” da Checoslováquia era uma questão de atualidade quando Chris Marker fez este filme e a silhueta de Aleksandr Dubcek delineava-se sem dúvida na mente dos espectadores da época (e em muitos dos de hoje), o que dá outra dimensão a uma questão essencial levantada no filme: “*perdemos algo de importante: a dúvida*”. Dezoito anos depois dos processos de Praga, catorze depois do Relatório Khrushchev ainda se discutia se era boa ideia revelar que nem tudo era paradisíaco. Com a inteligência das formas que caracteriza o seu trabalho, Chris Marker aborda, de modo não ostensivo, esta questão a três níveis: o filme de ficção de Costa Gavras; a sua própria abordagem documentária sobre os processos de Praga e a figura de Artur London; as declarações de Yves Montand e Simone Signoret, militantes-vedetas, mas nem por isso incapazes de pensar, de criticar sem “trair”, o que também é o caso dele próprio.

Antonio Rodrigues